

APRESENTAÇÃO

Português, língua de muitas Pátrias

Nos poucos mais de 500 anos que nos separam do momento em que os barões assinalados passaram muito além da Taprobana, dando início a um dos empreendimentos comerciais e coloniais mais impressionantes da história da humanidade, a ponto de este feito constituir o mote e a glosa do épico moderno camoniano a que aludimos, a língua de Portugal se expandiu pelos cinco continentes do globo terrestre, sofrendo, naturalmente, um ininterrupto processo de enriquecimento (sim, enriquecimento) e variação em todos os estratos possíveis: fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico, pragmático, cultural... a ponto mesmo de, em algumas esferas acadêmicas, estar-se questionando seriamente a tão propalada unidade do idioma, pelo menos no que respeita às variedades europeia e americana, o que se explica facilmente pelas circunstâncias históricas, consabidas, que determinaram a independência, de certo ponto de vista até mesmo precoce, do Brasil em relação à sua matriz. No caso das demais colônias d'além mar, como também sabemos, esta separação já se deu de maneira muito mais tardia e dolorosa, e é claro que as diferentes circunstâncias históricas, se não determinaram, pelo menos encaminharam

efeitos de ordem linguística, cultural e política bastante diversos em cada caso. Em grande parte, a história da Língua Portuguesa pelo mundo é um caminho longo de conquistas e de perdas, como se verifica em ex-colônias como Diu e Goa, mas também de perdas e reconquistas, como é o caso da redescoberta da língua em Macau e no próprio Timor-Leste, para citar alguns exemplos.

Se, por um lado, durante pelo menos os quatro primeiros séculos (e meio) deste processo de expansão do idioma, Portugal ditou os encaminhamentos históricos e culturais da chamada *lusofonia* (termo que, de tão carregado ideologicamente, vem sofrendo severas restrições no seu emprego), por outro, os tempos modernos vieram impor novos agenciamentos, a partir, principalmente, das guerras coloniais e dos processos de independência dos PALOP e do Timor Leste, viabilizados após a Revolução dos Cravos. A festa não foi tão bonita como queríamos, pá, é verdade. Muito sangue foi derramado na sequência histórica de 25 de Abril, mas não foi em vão. Não mais o lusocentrismo do qual até mesmo o brasileiro Gilberto Freyre figurou como ideólogo, mas sim vozes críticas e lúcidas como a de Eduardo Lourenço adentram a cena e propõem novas formas de pensar o estatuto da Língua

Portuguesa num mundo agora culturalmente globalizado e dividido em complexos blocos econômicos.

A presente edição do Caderno Seminal, que muito nos orgulha pela pertinência das discussões que enceta mas não encerra, não teria vindo a lume sem a preexistência das condições históricas a que fizemos breve referência, muito menos sem a emergência dos discursos possibilitados por essas mesmas circunstâncias. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mas também as verdades.

Entendemos serem fruto recente dessas circunstâncias históricas os dois temas que compartilham espaço nesta edição do Caderno Seminal: a busca pela criação de um organismo comum aos países de língua portuguesa e o reconhecimento do português como língua pluricêntrica, nos moldes preconizados por Michael Clyne (1992). Enseja a inclusão da CPLP num dossiê próprio o fato de a entidade estar completando, neste ano, 25 anos de existência. Os artigos, resenhas e entrevistas, contidos nesta seção, objetivam fazer um balanço realista, consoante a visão dos articulistas, resenhistas e entrevistados, dos sucessos e insucessos das políticas linguísticas, culturais e econômicas propostas pelo organismo. A diretriz adotada pelos organizadores do dossiê foi a pluralidade de pontos de vista, visto que não teria sentido comemorar (no seu sentido etimológico

primário) a efeméride somente a partir de um olhar oficial, institucional; o mesmo olhar, assim entendemos, guiou a seleção de textos que compõem o dossiê dedicado ao pluricentrismo da língua portuguesa, de modo que o presente número possa de fato servir de referência a todos quantos se interessarem pelas temáticas ligadas aos estudos ditos lusófonos – por mais que o termo “lusofonia” seja lido (e assim deve ser) nos matizes mais diversos, desde o ufanismo acrítico ao antilusismo mais radical. Acreditamos, em nossas modestas pretensões, ter concretizado, pelo menos em parte, estes objetivos.

É preciso ainda ressaltar que cada uma das partes deste número do Caderno Seminal conta com uma apresentação específica, a resumir os textos e os pontos de vista particulares ali apresentados. Recomendamos a leitura atenta de cada um deles, de modo que se possa orientar a busca pelos artigos, resenhas e entrevistas que possam colaborar da melhor maneira para a pesquisa dos interessados nos temas propostos, temas que, a rigor, não se separam de forma estanque, ao contrário, antes se entrecruzam e se retroalimentam.

Por fim, é indispensável dizer que o projeto consubstanciado na presente edição é fruto de labor

coletivo e abnegado de professores brasileiros e portugueses, irmanados e orquestrados pela batuta firme e ritmada do Prof. Dr. Flavio García, e orientados, sempre que preciso, pelo auxílio mais que competente de Tatiane Ludegards e Tuane Mattos. A todos e a todas, o nosso imenso agradecimento. No mais, esperamos sinceramente que esta publicação constitua uma singela contribuição aos estudos em/da língua portuguesa.

André Nemi Conforte (UERJ)
Alexandre do Amaral Ribeiro (UERJ)